

A ESCOLA E SUAS PRÁTICAS NO SUDOESTE DO PARANÁ (1950-1980): O CASO DOS PROFESSORES LEIGOS

THE SCHOOL AND ITS PRACTICES IN SOUTHWESTERN PARANÁ (1950-1980): THE CASE OF LAIC TEACHERS

LA ESCUELA Y SUS PRÁCTICAS EN EL SUROESTE DEL PARANÁ (1950-1980): EL CASO DE LOS PROFESORES LAICOS

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia¹

Resumo: Trata-se de um estudo que investigou a implantação das escolas públicas e suas práticas educativas a partir da memória dos sujeitos ali envolvidos. As fontes foram cinco relatos orais obtidos a partir do instrumental da história oral. A organização e constituição da escola no sudoeste do Paraná deixou marcas e reflete, na concepção de escola e educação na região.

Palavras-chave: Educação; memória; história da educação.

Abstract: This is a study that investigated the implementation of public schools and their educational practices based on the memory of the subjects involved there. The sources were five oral reports obtained from the instruments of oral history. The organization and constitution of the school in southwestern Paraná left its marks and reflects on the concept of school and education in the region.

Keywords: Education; memory; history of education.

Resumen: Se trata de un estudio que investigó la implementación de las escuelas públicas y sus prácticas educativas a partir de la memoria de los sujetos allí involucrados. Las fuentes fueron cinco informes orales obtenidos por medio del instrumental de historia oral. La organización y constitución de la escuela en el suroeste de Paraná dejó sus huellas y reflexiona sobre el concepto de escuela y educación en la región.

Palabras clave: Educación; memoria; historia de la educación.

Introdução

Estudos que se debruçam sobre a história de vida e depoimentos orais de personagens que vivenciaram fatos e contexto históricos específicos é um meio importante de chamar a atenção para aspectos que de alguma forma estão sujeitos ao esquecimento, procuramos nesta pesquisa revisitar a memória de professores e suas práticas ao longo de sua vida profissional. Assim, a memória constitui-se como um elemento essencial para a realização desta pesquisa. Há distinção entre memória e história, embora ambos os conceitos façam uma espécie de reconstrução do passado, eles o fazem de maneira diferente. Enquanto a memória procura perpetuar um fato, acontecimento ou personagem elaborando um discurso linear e harmônico, a história apresenta um discurso crítico, repleto de lacunas, aberto e sujeito a várias possibilidades de contradições.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente reelaboração, aberta à dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. A

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul.

história é uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea (NORA, 1993, p. 14).

Já faz algum tempo que se percebeu a importância de se conservar as memórias, já que elas não são registradas espontaneamente, é essencial a criação de arquivos e sua manutenção para que tudo não se perca ao longo do tempo. Como afirma a autora abaixo:

É esse certamente o desafio da história: apropriar-se da matéria-prima contida nos textos da memória construída e perceber, por trás deles, aquilo que não foi selecionado, o que não foi ou não pôde ser dito. É justamente pelo cruzamento das diversas fontes, por uma operação metódica e crítica, que o historiador procura interpretar os fatos, sem perder a clareza de que, assim como a memória pode ser deliberadamente construída, sua versão sobre os fatos também não escapa ao processo de construção (LOPES, 2008, p. 95).

Devido aos registros sobre a história da educação na região sudoeste possuir alguns poucos arquivos documentais, elegemos a história oral como forma de contribuir com a reunião de diversas fontes documentais da Educação Básica (QUADROS *et al.*, 2017). Além de procurar valorizar as narrativas de pessoas que ajudaram a construir a educação nessa parte do Paraná. Outro fator que levou a essa escolha foi a crescente relevância dada ao papel do indivíduo no processo social e histórico e a abertura conquistada pela pesquisa com uso de fontes orais. Como cita a autora na sequência:

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral. Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o "indescritível", toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas "muito insignificantes" – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita (FERREIRA *et al.*, 1998, p. 27).

No trabalho de análise das entrevistas escolheu-se a abordagem de Análise Textual Discursiva (ADT). Trata-se de uma metodologia que fica entre a análise de conteúdo e a Análise do Discurso (AD). A ATD apresenta alguns procedimentos que envolvem fragmentação do texto em excertos que dialogam com os objetivos da pesquisa, classificação dos excertos em categorias (a priori ou a posteriori), segundo Moraes e Galiazzi (2006, p. 78), “[...] Análise Textual Discursiva cria espaços de reconstrução, envolvendo-se nisto diversificados elementos, especialmente a compreensão da produção de significados sobre os fenômenos investigados e a transformação do pesquisador.

Por fim, o procedimento gera metatextos analíticos que posteriormente farão parte dos textos interpretativos com o apoio dos referenciais teóricos. Na fase inicial do emprego da metodologia de análise do corpus, percebeu-se as seguintes categorias emergentes: condição de pobreza, as grandes distâncias percorridas e as dificuldades para conseguir estudar e a forte presença da igreja na formação dos docentes. Muitos frequentaram colégio confessionais, principalmente católicos, os quais eram considerados por todos de boa qualidade para a época. Além disso, outra categoria recorrente era a atuação de professores leigos. Mesmo com pouca formação e ainda adolescentes eram convidados a dar aulas. Outras categorias referem-se à atuação dos professores e professoras como o grande respeito e o papel influente que os docentes exerciam nas comunidades, especialmente do campo. Eram considerados pelas

populações locais como conselheiros em várias situações do cotidiano. A maioria dos entrevistados possuía idade superior a 60 anos de idade.

Os nomes dos entrevistados foram preservados no trabalho, a fim de assegurar a identidade dos colaboradores. Por esse motivo optou-se pelos codinomes de flores (Violeta, Magnólia, Jasmim, Três Marias, Rosa) escolhido aleatoriamente para nomear o discurso dos participantes. Para melhor identificar o colaborador ou colaboradora da pesquisa os anunciamos como professor ou professora. Os resultados aqui apresentados fazem parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2014 e que tem como objetivo registrar a memória de professores e professoras que atuaram na região sudoeste do Paraná entre 1950 e 1980. Período este em que ocorreu a ocupação da região e a implantação da escola pública em um contexto marcado pela criação das primeiras vilas, cidades e também por intensos conflitos pela posse das terras entre colonos locais e companhias que se arrogavam proprietárias da área. Aqui trabalhamos com entrevistas realizadas com um grupo de professores no ano de 2015. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de logo prazo que pretende atingir todas as cidades da região sudoeste do Paraná composta por 42 municípios.

As professoras, os professores e suas memórias

Atualmente existem muitos problemas relacionados à educação, mas a conquista do direito e a permanência do jovem na escola e em sala de aula foi conseguida e precisa ser garantida (GROFF; ZANCANELLA, 2018). Mesmo apresentando a região do Sudoeste Paraná, dificuldades diversas, como a desvalorização do professor, a falta de amparo efetivo dos governantes, hoje verifica-se algumas mudanças se compararmos com algumas décadas atrás. Houve, especialmente, após a expansão do ensino superior público e de qualidade na região, uma preocupação de formar professores mais bem preparados, com opções de cursos de diferentes áreas do conhecimento. Tudo isso tendeu a colaborar para elevar a qualidade da educação e também oportunidades de atualizações para os professores que se encontram em atividade.

Para a realização dessa pesquisa a contribuição das colaboradoras e dos colaboradores que participaram das entrevistas foram imprescindíveis. O grupo é composto por professoras e professores aposentados, bem como docentes que ainda estão no exercício do magistério, porém já acumularam muitos anos de experiência. Todos os professores entrevistados², tiveram suas primeiras experiências em escolas do campo, grande parte desses profissionais da educação realizaram o magistério, conhecido na época como curso Normal ou então o chamado Logus II (uma formação fornecida por Prefeituras da região Sudoeste com apoio do governo estadual). Esse último, era cursado quando já estavam em sala de aula trabalhando como professora ou professor leigo. Nos relatos, entre os vários assuntos tratados, muitos dos professores destacaram que o salário que recebiam era utilizado para pagar os gastos com o transporte e com alimentação. Naquela época, não havia cursos superiores na região. Assim, se quisessem cursar uma licenciatura e melhorar seus salários, tinham que se deslocar a longas distâncias.

Durante muito tempo, concebida como uma preocupação única de memorialistas e autores amadores locais, a memória ganhou outras dimensões nos estudos que perpassam o individual e o coletivo e estabelecem um diálogo de múltiplas perspectivas, uma vez que nossas lembranças e recordações não são estáticas e definitivas. Elas interagem com os espaços, com a cultura material e com os valores sociais, provocando emoções, esquecimentos, silêncios e sensações, que embora

² Os relatos das professoras e professores foram gravados em áudio e transcritos. Procuramos manter as falas da forma como os colaboradores as manifestaram. Algumas pequenas correções foram necessárias, a fim de manter a compreensão dos depoimentos. Além disso, optamos por não identificar os participantes da pesquisa, isso com o objetivo de garantir o anonimato dos mesmos. Esse compromisso foi firmado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado entre pesquisador e colaboradores.

sejam particulares e individuais, são também coletivas e difusas (HALBWACHS, 2004, p. 85). Nos relatos de cada entrevista, existem riquíssimas informações que nos fazem refletir sobre a trajetória da formação dos professores, as dificuldades e os desafios que os marcaram como pessoas e como profissionais. Na fala de muitos professores, os mesmos destacam que o principal objetivo das escolas do campo da época era alfabetizar os alunos, ensinando-os as operações básicas da matemática bem como a escrita e a leitura. Ao mesmo tempo, é possível identificar a riqueza de detalhes presentes nas histórias de vida desses sujeitos, possibilitando compreender e perceber como a figura do “ser professor” era respeitada e valorizada pelos pais e comunidade em geral. Como podemos verificar no relato: “*As comunidades viviam em torno das escolas, das igrejas. Isso era muito rico, culturalmente, socialmente. As pessoas tinham objetivo de viver, viviam pelos filhos, ali na igreja, ali na escola, até porque tinham mais famílias que moravam nas comunidades [...]*” (PROFESSORA VIOLETA, 2015).

O trecho acima revela a importância que a escola tinha na vida das comunidades, especialmente do meio rural. Os contatos humanos mais próximos e constantes faziam com que a distância entre a escola e a comunidade praticamente inexistisse. Além disso, era preciso considerar que a vida no campo contribuía para que as pessoas tivessem ações mais coletivas e de cooperação, uma vez que as dificuldades de sobrevivência exigiam um envolvimento maior entre todos. A escola, ao lado da igreja era um espaço de convivência importante e a presença destas instituições deveria envolver o esforço dos moradores locais para sua instalação e manutenção. Apesar dos municípios pagarem os salários dos professores, a instalação das escolas ficava a cargo das comunidades rurais. A participação dos pais e responsáveis na vida escolar envolvia também a aprendizagem das crianças, como consta no relato abaixo:

Dificuldade... que nem eu disse... A minha maior dificuldade foi a falta de formação própria para o trabalho de professora. Depois com o tempo, com vários cursos que a gente fez e coisa, daí já ajudou bastante. E uma coisa, naquela época o ensino não era como hoje, ele era bem diferente. Porque a tua meta na sala de aula de primeira à quarta série era qual? Leitura, as quatro operações diziam. É o que os pais, principalmente do interior, queriam: leitura e as quatro operações bem que os alunos aprendessem (PROFESSORA MAGNÓLIA, 2015).

Importante esclarecer que o termo “interior” empregado pela participante da pesquisa, referia-se às comunidades rurais. Na verdade, o termo refere-se ao interior do município. Esta menção aparece com muita frequência nos relatos. Além disso, os professores destacam em suas falas as dificuldades que encontravam na época, uma vez que não havia material didático e nem apoio pedagógico. Além dos problemas relacionados com a ausência de formação adequada, reconhecidos pelos gestores municipais em diferentes documentos, havia também dificuldades para a aquisição de material pedagógico. Isso fazia com que os docentes, de acordo com suas condições, improvisassem e fizessem o possível para manter a sala de aula funcionando. Os professores e as professoras realizavam todas as atividades necessárias no cotidiano da escola, sozinhos ou com o apoio dos próprios alunos, ou seja, eram docentes, merendeiros, zeladores, diretores e pedagogos. Apesar das condições adversas, os profissionais da educação deixavam claro que as dificuldades não os desanimavam. O que de fato contava era responder às expectativas das comunidades no que dizia respeito ao papel da escola.

Em 81, quando comecei a dar aula, eu comecei dentro de um galpão. Então não tinha escola. A escola, começaram e não terminaram. Ai nada vinha, nada vinha, e resolvemos se adiantar e a gente começou a dar aula dentro de um galpão. Dividimos o milho para um lado e a escola para o outro. Daí eles

se apressaram com a escola.... Daí a gente passou para a escola [...]. Na época, a escola não era pintada, o soalho era branco, o pátio era grande. A água para a gente buscar dava uns 200 metros e tinha que dar aula multisseriada, ser merendeira e ser servente, ser professora, servente, mãe, psicólogo. Tudo até a limpeza, tudo a gente (PROFESSORA JASMIM, 2015).

A gente não tinha servente, zelador. A gente lavava, fazia limpeza, a higiene do colégio tudo com os alunos. Nós tirávamos a água do poço com corda. Final de semana todo mundo ajuda. Era a gente fazia mutirão. Sexta-feira após as aulas nós limpávamos a sala de aula, tudinho e durante a semana com os alunos a gente fazia com escala. Cada professora para limpar, deixar tudo organizadinho, e nosso material didático na realidade era nossa motivação professor e aluno (Pausa) (PROFESSORA ROSA, 2015).

Em locais com maiores dificuldades de acesso os moradores locais construía suas escolas ou algumas vezes improvisavam uma sala de aula em capelas ou até mesmo na casa de algum morador (MARTINS, 1986). Mesmo com todas as dificuldades se percebe que a existência de escola elementar era algo valorizado e almejado pelas comunidades. É interessante observar que as docentes e os docentes narram que sempre que necessitaram da ajuda dos moradores locais para um conserto do prédio escolar, ou mesmo a realização de algum evento para angariar recursos, eram acolhidos.

Como já mencionamos, o professor exercia um papel importante nas diversas localidades em que atuavam. Eram vistos como uma espécie de autoridade e sua palavra tinha muito peso nas decisões. Para a maioria dos moradores eram analfabetos e com pouco acesso à escolarização, o domínio da leitura e da escrita era visto como algo muito distante e difícil de ser atingido. Alguns poucos que dominavam esta habilidade eram vistos como alguém diferenciado. Por esse motivo havia sim um grande respeito e admiração por esses indivíduos. O controle da escrita conferia aos seus membros uma forte influência nos meios sociais em que viviam, por isso eram facilmente confundidos como representantes do poder político e em muitas situações também do poder religioso. Esse misto entre religião e política não era nada estranho à história brasileira, tendo em vista que há pouco mais de um século o país vivia sob o sistema de padroado (SANTIROCCHI, 2013). Embora a separação entre igreja e Estado tenha se dado no aspecto jurídico-legal isso ainda não ocorreu de maneira plena na vida social e cultural da população. No caso da educação isso era muito evidente

De uma maneira geral, os colégios católicos possuíam um internato, no qual atendiam jovens meninas ou meninos. Isto ocorria, pois, muitos estudantes vinham de outras cidades e regiões para estudar e morar no estabelecimento escolar. Uma das entrevistadas era interna do colégio. Ela relatou que todos os dias acordavam muito cedo, pois antes de começar a aula acompanhavam as irmãs até a igreja e participavam de uma missa. Só após a cerimônia religiosa voltavam até o colégio para estudar. A colaboradora destacava que todo material didático era por ela comprado, desde os livros de cada disciplina até as folhas para realizarem as provas escritas. A influência da igreja também estava presente na formação dos professores que atuavam nas escolas da região. Isso fica evidente nos excertos abaixo:

[...] onde eu morava não tinha escola, então eu sou criada pela vó. A minha vó me colocou por isso no Colégio Coração de Maria da cidade de Palmas³ e lá eu

³ Cidade localizada na região sul do estado do Paraná. Fundada no século XIX, obteve a sua emancipação política em 1879. Atualmente o município integra a região sudoeste do estado. Durante muito tempo foi o local de referência na região para formação de professores.

estudei até o Ginásio que na época era primário. Era até o quinto ano e aí você fazia um cursinho que se chamava Programa de Admissão. Se você passasse naquele cursinho, você estava apta a matricular-se no Ginásio. Então voltando de Palmas com o Ginásio completo, motivo de saúde da minha avó eu voltei então para casa.... Quando a minha vó melhorou, eu ainda trabalhei um pouco de balconista porque eu ainda não tinha dezenove anos e naquela época precisava dezenove anos para ser contratada como professora.

[...] Bom, a escola que eu estudei era colégio particular de freira. Mas eu não estava lá num colégio vocacional. Eu estava num colégio que as famílias que tinham um pouquinho mais, que podiam encarar (risos). Eles colocavam as filhas lá no colégio das irmãs na cidade de Palmas [...] O estudo lá era muito bom, as irmãs tinham formação já naquela época. Onde eu morava não tinha nem escolinha é, então eu tive um primário de primeira qualidade. Muito bom, muito bom o estudo que eu tive lá com aquelas freiras (PROFESSORA TRÊS MARIAS, 2015).

Percebe-se nos relatos que as pessoas construíam diferentes estratégias para estudar. Isto, por sua vez, estava relacionado com o desejo de ascensão social. As famílias que reconheciam o acesso à educação uma oportunidade de uma vida melhor utilizavam-se de formas variadas para garantir que os filhos estudassem. Entre elas, permitir que os filhos ou filhas morassem com algum parente para frequentar a escola em outras cidades. Em um país com uma educação voltada para atender os interesses das classes médias e altas, o acesso à escola ocorria em centros urbanos mais populosos. As regiões mais distantes das capitais e algumas outras cidades maiores, concentravam a maior parte das escolas. Dessa forma a ausência de vagas nas instituições públicas, levava muitos a ingressarem na igreja, onde tinham a oportunidade de concluir a educação básica e ingressarem no ensino superior. Depois disso acabavam abandonando a instituição.

Além da influência da igreja na instalação das escolas, especialmente nos centros urbanos das cidades da região sudoeste, da formação de professores para as escolas, havia também a marcante presença da religião católica nas práticas docentes e porque não no currículo escolar. A narrativa das professoras e professores deixou isso muito evidente. Ao que tudo indica esta condição está presente ainda hoje de diversas formas e situações no interior dos espaços escolares. Exemplo disso está na manutenção do ensino religioso nas escolas, ainda que facultativo. A atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assegura a presença do ensino religioso e estabelece as competências e habilidades que devem ser atingidas pelos estudantes da Educação Básica (BRASIL, 2018). Trata-se, portanto, de uma forte influência de elementos da religiosidade que confirmam a íntima relação que sempre existiu entre educação e igreja na história do país.

Os diferentes relatos, apesar de marcar as experiências pessoais, permitem identificar uma série de situações comuns que começa com as dificuldades de formação, a condição social de pobreza, a forte presença das instituições religiosas como um meio de formação, as dificuldades iniciais na sala de aula causadas pela falta de formação adequada, a maneira como os docentes organizavam a rotina de trabalho que envolvia muitas atividades que iam para além do pedagógico.

A narrativa, em especial a pesquisa narrativa, ganhou nas últimas décadas um número significativo de novos estudos e publicações. Busca-se uma nova forma de relação entre o pesquisador e o colaborador, ou seja, aquele que se dispõe de forma voluntária a compartilhar suas ideias, vivências e experiências. Sendo assim, o narrador não é um mero informante, mais do que isso, ele ou ela adquire a condição de coautor. Walter Benjamin (1987), chama a atenção para o importante papel da narrativa até o surgimento do romance. O ato de narrar era essencial para a circulação de notícias, informações e trocas culturais entre as pessoas. Além disso, era

também um processo pedagógico, pois ajudava a formar outros narradores e permitia que os ouvintes passassem adiante o que ouviram. Isso, adicionando novos elementos aos fatos que tomou conhecimento. Assim, a narração poderia ser o resultado de interações humanas e permite não apenas repassar adiante a experiência dos outros, mas também as próprias formas de ver o mundo e lidar com ele. Aqui a proposta é fazer com que as narrativas sejam elementos importantes para compreender os lugares da memória de professores da Educação Básica.

Para a identificação dos diferentes fatores de ordem pedagógica, social, política e cultural que influem na condição do ser professor é importante um trabalho que busca registrar as memórias dos docentes que vivenciaram diferentes projetos de formação (inicial e continuada) e experiências que acumularam ao longo de sua trajetória. Os saberes construídos ao longo de sua vida profissional são indicadores que trazem novos subsídios para pensar a formação na região sudoeste.

O grande problema deste tipo de pesquisa é valorizar um ou outro aspecto é deixar de lado outras questões importantes, como valorizar os impactos sociais e políticos e deixar de abordar a dimensão do pedagógico ou vice-versa. Como lembra Lelis (2001): “Se estas questões podem contribuir como bússolas em nossas pesquisas, certamente será a experiência prática e concreta, com a ajuda do passado que nos ajudará a buscar novos objetos, novos problemas, novos idiomas pedagógicos” (p. 54).

Pimenta (2013) chama a atenção para a importância de se investigar a epistemologia das práticas docentes, uma vez que o ensino não se dá solto e isolado da realidade, pelo contrário está vinculado a questões sociais, políticas, culturais, econômicas, religiosas e outras. Como o ensino não é algo que paira acima das condições históricas e sociais, vários fatores que vão desde as políticas educacionais, passando pela adoção do currículo, pelas relações humanas, pela formação de professores têm impacto direto na forma como os docentes constroem com seus alunos os processos de ensinar e de aprender. Frente a esses e outros tantos elementos como a carência de recursos didáticos, as dificuldades formativas e o contexto de uma região mergulhada em conflitos agrários, como o sudoeste paranaense em meados do século XX, vai fazer com que os professores com mais ou menos formação busquem formas diversas de fazer o seu ofício diário.

Considerações finais

Por meio dos relatos e da análise de algumas categorias que emergiram das narrativas, podemos identificar aspectos importantes da constituição da escola e da docência para compreender um pouco mais a história das escolas na região. A reunião e disponibilização dos materiais irão possibilitar diversas pesquisas na área da história da educação. Ao dar voz aos agentes portadores das memórias da educação local e de suas experiências, estamos atuando contra o esquecimento e desta forma temos a oportunidade de refletir melhor sobre o processo de formação inicial e continuada de docentes. Trata-se de uma profissão complexa que exige a apropriação de saberes de diferentes tipos e naturezas.

A pesquisa revelou importantes aspectos que deixam entrever um pouco da prática docente e da concepção de mundo, de sociedade, de homem e de educação que se materializava nas ações, nas práticas de sala de aula e também nos discursos. Desta forma a memória, embora sujeita a esquecimentos, invenções e até mesmo imaginações, exprimem muito do contexto em que está inserida e das relações que estabelecem com os demais sujeitos. Por esse motivo ela não pode ser tomada como algo pronto e que se basta a si mesmo. Como toda fonte, a memória também se insinua e lança algumas frestas de luz sobre o desconhecido, mas nunca revela a sua totalidade. Esta precisa ser constantemente perseguida, embora sempre de forma provisória e cheia de contradições, como aliás, é próprio do conhecimento científico. Ir um pouco além do que as lembranças nos

deixam ver, é o desafio deste e tantos outros trabalhos que procuram indícios, marcas, detalhes, como disse Ginzburg (1989), de como eram aqueles que nos antecederam no tempo.

Por se tratar de uma investigação que procura compreender a formação de professores e suas práticas em um determinado contexto espacial e temporal é preciso construir um diálogo com o passado, não no sentido de evitar repetir a mesma história ou dele retirar alguma lição, mas compreender o quanto ele ainda está presente em nossas escolas, nas práticas pedagógicas e nos discursos dos docentes. É essencial apropriar-se do que foi no sentido de questionar melhor que tipo de formação de professores queremos pôr em prática e onde pretendemos chegar. Sem referenciais corremos o risco de implementar projetos que não consigam refletir sobre as necessidades, problemas e perspectiva para a região sudoeste do Paraná.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, vol. 1: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes *et al.* *Entrevistas: abordagens e usos da história oral.* Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.* São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GROFF, Iliane; ZANCANELLA, Yolanda. História da educação no Sudoeste do Paraná: espaço de lutas e contradições. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 3., 2018. Anais...* Campina Grande, v 1, 2018, p. 1-15. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php>. Acesso em: 20 abr. 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

LELIS, Isabel Alice. Do ensino de conteúdos aos saberes do professor: mudança de idioma pedagógico? *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 74, p. 43-58, abr. 2001.

LOPES, Sonia de Castro. Imagens de um lugar de memória da educação nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 84-97, jan. /abr. 2008.

MARTINS, Rubens da Silva. *Entre jagunços e posseiros.* Curitiba: Studio GMP, 1986.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. Epistemologia da prática: ressignificando a didática. *In: MONTEIRO, S. B.; PIMENTA, S. G. (Org.). Escritos sobre didática, filosofia e formação de educadores*. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 15-41.

QUADROS, Cristiane de *et al.* A formação de professores da educação básica de uma microrregião do sudoeste do Paraná no contexto de fronteira: a epistemologia da prática docente e a constituição de um centro de memórias. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O MERCOSUL/CONE SUL*, 22., Porto Alegre, 2014. *Anais...* UFSC – PRODEGESP, Florianópolis, 2017, p. 42-58. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/176629/ANAIS%20SEMINARIO%20-%20FINAL.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 20/04/2022.

SANTIROCCHI, Italo Domingos (2013). Padroado e regalismo no Brasil independente. *In: JORNADAS INTERESCUELAS/DEPARTAMENTOS DE HISTORIA*, 14., 2013. *Anais...* Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013, p. 01-22. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-010/266>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Sobre o autor

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia. Formado em história e pedagogia. Mestrado em história e Doutorado em Educação. Atualmente é professor da Universidade Federal da Fronteira Sul Campus de Realeza PR.

E-mail: ronaldo.garcia@uffs.edu.br.